

De qualquer promessa mole,
 De todo ajuste que empaca,
 De paixão pelo baralho,
 De sombras da urucubaca...
 Contra os males que te aponto,
 Nunca vi qualquer vacina;
 Só vejo a prece com fé
 Na Providência Divina.

HISTÓRIA DE JOÃO CÔCO

O sitiante João Côco,
 Na Roça do Sapecado,
 Certo dia, amanheceu
 Francamente obsedado.
 Ele era solteirão,
 Tão sóbrio quanto esquisito,
 Pois João acordou aos pulos
 Dando berros de cabrito.
 Aquela perturbação,
 Dolorosa e repentina,
 Não aceitou tratamentos,
 Zombou da própria morfina.
 Levado a um grupo de preces,
 Pelo médium, veio um Guia...
 João explicou-lhe, chorando,
 Tudo aquilo que sentia.

O protetor ouviu, calmo,
 E depois falou-lhe: - “João,
 Você ficará curado,
 Porém, sob condição!...”
 — “Qual é?” — perguntou, aflito,
 O pobre amigo João Côco —
 “Ouço vozes que me acusam,
 Vejo monstros, vivo louco!...”
 O Guia expressou-se amigo
 Com palavras meditadas:
 — “Todos temos inimigos
 Das existências passadas...
 Já plantamos sobre a Terra
 Muita luta e sofrimento...
 Colhemos os resultados
 Nas provações do momento.
 Se você quer se curar,
 Busque novas esperanças...
 Dê tudo quanto tiver
 Em socorro das crianças...”

Totalmente renovado,
 João fala, exalta, elucida;
 Às crianças sem amparo
 Cederia a própria vida.
 No grupo dos companheiros
 Começou logo a sonhar:
 Faria uma casa grande
 Para os meninos sem lar.
 Cinco anos se passaram,
 Mas João Côco nada fez,
 Se questionado a respeito,
 Dizia apenas “talvez...”
 A irmã, senhora Cecina,
 Veio a ele interrogar:
 — “João, e a casa das crianças,
 Quando é que vai começar?”
 Replicou-lhe o sitiante:
 — “Espero o auxílio do Além,
 A obra é de capital
 E as cousas não andam bem.”

Em resposta ao questionário
 Do jornalista Aristeu,
 Disse João: “a seca é grande,
 Todo o meu gado morreu.”
 Logo após, veio a pergunta
 De Dona Clara Maria;
 Apertado, falou João
 Que a casa demoraria.
 Relacionando o problema,
 Confessou ao Nicolau:
 — “Estou pobre e sem recursos,
 Vivo à laranja e mingau...”
 Trinta janeiros se foram...
 João Côco, em vida folgada,
 Não atendeu a ninguém,
 Nem procurou fazer nada.
 Mas, um dia, a obsessão
 Voltou a João e ele, aflito,
 Pulava sem direção,
 Berrando que nem cabrito.

O caso se complicou,
 O enfermo sempre tremendo
 Viu chegar outra doença
 E João acabou morrendo...
 Depois de muitos estudos,
 Vieram as conclusões:
 João Côco deixou ao leú
 Setenta e cinco bilhões.